



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
lançamento do “Programa Aprendiz Banco do Brasil”**

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 27 de outubro de 2009

Bem, primeiro, cumprimentar minha companheira Marisa,
Cumprimentar a companheira Dilma,
Cumprimentar o companheiro Guido,
O nosso companheiro Carlos Lupi, ministro do Trabalho,
O nosso querido José Pimentel, da Previdência Social,
E cumprimentar o nosso querido companheiro Aldemir Bendini, que nós
costumamos, carinhosamente, tratar de Dida,

Quero cumprimentar a Marta. A Marta progrediu bastante, vocês viram?
Daquela menininha que trabalhava no campo, virou uma meninona. Parabéns,
Marta.

Bem, quando eu vim aqui, há um tempo atrás, em uma reunião com
superintendentes do Banco do Brasil, do Brasil inteiro, o companheiro Dida
pediu para levantar a mão quem é que tinha começado aqui, no Banco do
Brasil, como aprendiz.

Eu confesso a vocês que fiquei surpreendido pela quantidade de
pessoas que levantaram a mão. E quase todos tinham começado como office-
boys. Era office-boy ou contínuo?

_____ : Era aprendiz.

Presidente: Não, mas você disse aí, era...

_____ : Era office-boy.



Presidente: Olha, então vocês, se quiserem chegar a vice-presidente ou a presidente têm que passar por office-boy, aqui, porque parece que é o mote, é o caminho que um dia o Indiana Jones vai tentar procurar, para saber como é que descobre o segredo de chegar à Presidência do Banco do Brasil.

Mas, brincadeira à parte, naquele dia eu fiquei realmente satisfeito, como ser humano, como Presidente do Brasil, de perceber como é que uma instituição podia pegar um jovem – e não era um, eram milhares de jovens e prepará-los para que eles pudessem ocupar as principais cadeiras de comando da instituição.

E, aí, o Dida me disse: “Presidente, faz muitos anos que o Banco do Brasil não contrata aprendiz. E eu estava pensando em ver se a gente contrata pelo menos mais 10 mil jovens aprendizes”. Eu fiquei não apenas satisfeito, fiquei radiante, porque um dos problemas que nós temos no Brasil é a gente despertar na juventude brasileira a certeza de que ela vai ter oportunidade, ela vai ter uma chance e que ela poderá conquistar um lugar mais seguro para que ela possa constituir sua família, cuidar da família que o criou e ajudar a criar a família que ela vai ter que um dia administrar.

Porque eu não sei se vocês assistem à televisão, certamente, parece que uma das coisas que têm no Banco do Brasil é que as pessoas estão habituadas a ver novela e isso permite que antes a gente veja um jornal. E a gente percebe que a maioria das pessoas que vão presas, quase a gente não vê ninguém de 30 anos ou mais de 30 anos. Normalmente, são meninos e meninas, com, às vezes 15 anos, às vezes 17, às vezes 20, sabe, 24, ou seja, quando tem uma pessoa mais velha é só ela. O restante, na maioria, são jovens. E para que a gente não fique apenas achando que aquele jovem é um bandido, é preciso que a gente volte um pouco a nossa memória para um passado não muito distante para a gente descobrir o que aconteceu com a juventude brasileira durante a década de 80 e a década de 90.



Ou seja, se uma pessoa ou um segmento social passou 20 anos sem ter oportunidade, o resultado desse agrupamento de uma geração é que uma parte dela foi ganho por uma coisa que nós não gostaríamos que tivesse acontecido, mas foi ganho pela desmotivação, pela falta de oportunidade e aí teve-se o narcotráfico, o crime organizado, a rua como uma coisa disputando com o Estado, que deveria oferecer as oportunidades outras e que não ofereceram.

Foram duas décadas e meia em que o País crescia muito pouco, os números de empregos eram muito poucos, portanto, se geravam poucas oportunidades, não se investia em escola técnica, se investiu..., uma coisa interessante porque nós, quando nós conseguimos universalizar o ensino fundamental, foi uma coisa extremamente importante para o Brasil. Só que quando nós nos demos conta, na maioria dos estados do Norte e do Nordeste, as pessoas não perceberam que ao terminar o ensino fundamental, a meninada precisava fazer o segundo grau. E em muitos lugares não tinha escola para fazer o segundo grau. Ou seja, foi quase que um esquecimento ou, quem sabe, uma falta de conhecimento do Brasil.

Então, eram milhões de jovens que ficaram perambulando, alguns, com sorte, tendo família que o ajudava, que criava, que financiava, que pagava o estudo; e outros abandonados à própria sorte. No meio das partes mais pobres, se a família estivesse bem constituída, vivendo harmonicamente, o pai trabalhando, mesmo ganhando pouco, ou a mãe, mas os dois tivessem constituído família e zelado pela família, menos mal. Mas se a família tivesse desandado, o destino desse jovem não era melhor do que o da família, era também ter uma vida degradada. E, às vezes, a gente vê uma grande maioria de jovens de 16, de 17, 18 anos, morrer de forma prematura, porque estava participando da banda podre de uma parte da nossa sociedade.

Então, quando eu venho a um ato em que o Banco do Brasil anuncia a contratação de jovens aprendizes, pessoas de 15 anos, 15 e 10 meses, por aí,



e garante uma oportunidade de esse jovem trabalhar, recebendo um salário durante 24 meses, pelo menos, até prepará-los para que eles possam adentrar definitivamente no Banco do Brasil, é uma coisa, para mim, nobre, mais do que nobre, é quase que a certeza de que vocês terão a oportunidade que outros milhões de brasileiros precisam ter, ao longo do tempo.

E, aí, eu queria falar diretamente com vocês. Nessa idade, de 14 anos, 15 anos ou 16 anos, a gente é tão novo e tem tanta energia, tem tanto vigor, que a gente pensa que nunca vai ficar velho, que se a gente não estudar agora, a gente vai estudar depois. A gente está sempre tentando achar que as coisas necessárias podem esperar um pouco mais. Muitas vezes, o melhor é encontrar com a namorada ou com o namorado, muitas vezes o melhor é ir fazer uma coisa qualquer do que entrar em uma sala de aula, estudar para valer, agarrar aquilo com unhas e dentes e falar: “eu vou fazer disso a minha profissão de fé e vou fazer disso o motivo de orgulho da minha família e o motivo de garantia do meu futuro”.

Em um primeiro momento, as pessoas não pensam assim e é normal, é normal, quando a gente tem a idade de vocês a gente nem pensa em se aposentar, nem pensa. A gente pensa que não vai ficar velho, a gente pensa que não vai ficar doente, sabe, é maravilhoso. São tudo coisas que a gente acha que só acontecem com os outros e que não acontecem com a gente.

Agora, qual é a vantagem que tem o Banco do Brasil nessa contratação? Ele está contratando gente, de pessoas humildes, gente de famílias humildes, portanto, jovens que sentem dentro das suas casas que a sociedade não é aquela maravilha que a gente vê na novela das sete ou na novela das seis. A sociedade é um pouco mais complicada, a juventude é um pouco menos festiva do que aquela. A juventude tem mais problemas, e essa oportunidade que vocês estão tendo é quase que um chamamento de Deus, para que vocês se agarrem a ela como se fosse, não a última, mas como se fosse a mais importante oportunidade que vocês estão tendo.



Eu até gostaria que vocês chegassem em casa hoje e perguntassem para os pais de vocês da alegria que eles estão sentindo pelo fato de vocês estarem sendo contratados como menores aprendizes do Banco do Brasil. Eu, se me reconheço como pai, eu posso dizer que a alegria que está hoje dentro do coração da mãe de vocês e do pai de vocês, certamente, é maior do que a que vocês têm. Porque eles já passaram pela idade de vocês, já tiveram problemas que vocês ainda não tiveram e eles sabem que vocês estão tendo uma oportunidade que nem o pai e nem a mãe de vocês teve.

E é por isso que eles serão, praticamente, a garantia de permitir que vocês se dediquem, junto com as centenas de instrutores que vocês vão ter nos locais que vocês vão trabalhar.

Por isso, meu companheiro Dida, eu queria apenas lembrar uma coisa: você está contratando aí uma moça chamada Beatriz, um companheiro aí, um menino chamado Bruno e o outro, Rubens. Pois bem, a Beatriz chegava da escola, ajudava a mãe a arrumar a casa, fazia seus deveres e dormia o restante do dia, certamente, na frente da televisão. Ela sabe que, de agora em diante, não terá mais tempo para dormir à tarde. Mas, mesmo assim, está muito ansiosa para começar seu aprendizado no Programa porque quer investir no seu futuro. Com o dinheiro que Beatriz irá ganhar, ela pretende comprar calça jeans e tênis novos para ela e para a irmã mais velha, a Priscila, que tem 17 anos. Mas a maior parte do dinheiro será poupada para outros cursos, no futuro. Beatriz, querida, cuidado, dependendo da marca da calça jeans e a marca do tênis não vai sobrar dinheiro para você cuidar do futuro. É preciso ser contida no consumo, porque senão você vai, no mês seguinte, pedir aumento de salário para o Dida, porque não deu.

Bem, a Beatriz obviamente que tem o desejo de comprar as coisas. Agora, eu também tenho certeza de que a Beatriz está convencida e certa de que somente estudando é que ela vai perceber que, ao contrário de um par de tênis, o conhecimento não fica velho e não vai para o lixo depois de um tempo.



O conhecimento gera mais conhecimento e faz das pessoas melhores pessoas ainda, que entendem a realidade que cerca cada um de nós. Por isso, querida Beatriz, que Deus, que te deu essa grande oportunidade, te faça uma vencedora e que daqui há uns 15, 20 anos, eu já com 90 anos de idade, já com uma bengalinha aqui, andando, o Dida com a bengalinha um pouco mais nova do que a minha, você esteja ali como a Marta esteve ali, falando do progresso que você conquistou dentro do Banco do Brasil. Por isso, querida, não jogue, em hipótese alguma, esta oportunidade... Se você tiver um namorado tão bonito quanto eu, que fique na tua cabeça: “Vamos namorar, para que ir lá?”, não sei das quantas e tal, você não deixe de estudar. Manda o namorado esperar, que mais bonito do que eu está cheio, aí, assim, olha, vai poder arrumar.

Bem, nós temos o caso do nosso querido Bruno. O Bruno é de família indígena, cadê... Levanta aí, Bruno, deixa eu ver... Ah, o Bruno é de família indígena. Mora com os pais e cinco irmãos, e também quer aprender a trabalhar para garantir uma vida melhor para ele e sua família. Desde criança, o Bruno aprendeu o valor de ter uma profissão com o seu pai, Acuetê, que é auxiliar de serviços gerais, e com sua mãe, Caidoró Caiabi, que trabalha como artesã. Parabéns, querido Bruno. Essa é uma chance... Já pensou? Cacique Bruno.

_____ : Vai tomar o meu lugar.

Presidente: Vai tomar o lugar dele. Só não vale sequestrar ele, ouviu, Bruno? Bem, já o Rubens ficou... Cadê o Rubens? Levanta aí, Rubão. Veja, interessante o que é a sorte, não é? O Rubens ficou sabendo do Aprendiz Banco do Brasil por um amigo, que participou do programa anterior do Banco, o Adolescente Trabalhador. Quando o amigo dele contou que o Banco do Brasil abriria novas vagas, correu para se candidatar, porque sabe que é



preciso se qualificar para conseguir um bom emprego.

Rubens mora no Mesquita, uma comunidade quilombola, que fica a menos de uma hora do centro de Brasília. O Bruno [Rubens] quer ajudar a sua mãe, a dona Rosana, que dá duro todos os dias para sustentar a casa. Ele tem colegas que passam o dia na rua, sem fazer nada, às vezes bebendo e fumando, mas ele sabe que o preço de não fazer nada hoje é alto, porque depois, quando chegar na vida adulta, e gostar de uma menina... Quem sabe, hein, Beatriz? Quando chegar na vida adulta e gostar de uma menina, não vai ter dinheiro para casar e sustentar a sua família. Muito bem, muito bem, Bruno, eu acho que, que... Porque sabe que menino tem um problema sério, não é? Eu já fui menino, vocês sabiam? Já faz tempo. Mas é o seguinte: você pega um menininho desse aqui, ele está aqui sozinho, ele é quietinho, quietinho, anda na rua sozinho, anda de cabecinha baixa. Agora, coloque 20 moleques desses juntos para ver o que acontece.

Então, eu queria, querido Rubem, querido Bruno e querida Beatriz, falando o nome dos três, cumprimentar a todos vocês. Eu quero dizer para vocês o seguinte: Olhem, por causa de uma profissão, eu tive oportunidade de chegar onde eu cheguei. Vocês imaginam: se um torneiro mecânico pôde chegar à Presidência da República deste País, o que não pode fazer um aprendiz do Banco do Brasil, quando se formar, for contratado pelo Banco e virar figuras importantes como essas aqui. Todo mundo sabido, sabem lidar com dinheiro como ninguém, não... todo mundo pode... se eu cheguei, por que vocês não podem chegar? Agora, para chegar a gente tem que acreditar.

No mundo animal, e o ser humano faz parte do mundo animal, não existe oportunidade de sobrevivência para quem fraquejar. Não existe possibilidade de um cidadão que não acredita nele próprio, vencer. Ah, eu sou coitadinho, ah, as coisas comigo não dão certo, ah, porque eu não tenho sorte. Não existe isso meu filho, a sorte é a gente que faz.

Se a gente perseverar, se a gente acreditar, se a gente estudar, sabe, e



a gente não tem nem razão para desanimar. Como é que um jovem de 15 anos vai desanimar de alguma coisa? Não, não é possível. Eu vou dar outro exemplo: Eu, se eu tivesse que desanimar, eu tinha razão de sobra, porque eu perdi três eleições. Nem meus companheiros acreditavam, nem, nem... não é Afonso? Não é Afonso? Mesmo meus companheiros do PT queriam mais que eu fosse... Ah, essa fruta está passada, gente.

Agora, eu sempre disse o seguinte: Quem quiser me vencer, vai ter que trabalhar mais do que eu, vai ter que se dedicar mais do que eu, porque o jogo... o jogo do futebol e o jogo da vida, ele é ganho na disputa. E, portanto, vocês estão tendo hoje, neste ato, talvez não a única, mas uma extraordinária oportunidade. Afinal de contas, não é qualquer coisa a gente ser aprendiz do Banco do Brasil. Começar a vida da gente como aprendiz do Banco do Brasil, não é qualquer coisa.

Eu comecei na Fábrica de Parafusos Marte, uma fabriquinha de 50 trabalhadores. E eu ainda tinha o azar, vou contar para vocês, para animar vocês, que eu vestia um macacãozinho bonitinho, minha mãe fez, e eu passava para trabalhar e tinha uma quitanda, e tinha uma menina loirinha que trabalhava na quitanda, e eu achava que... Eu falava: “Quando eu passar de macacão, que ela me ver, ela não vai resistir”. Acontece que eu... eu queria ser mecânico, mas eu não sabia o que era mecânico. Eu queria ser mecânico. Então, eu falava: “Para ela me notar, eu vou ter que me encher de graxa”. Então, apitava para ir almoçar, eu estava limpinho, eu pegava óleo, passava óleo na mão, tudo, passava na frente da quitanda, essa moça nunca olhou para mim, sujo. Possivelmente, uma dessas loiras esteja pronta para olhar para um aprendiz do Banco do Brasil, que não olhou para o metalúrgico, da Fábrica de Parafusos Marte.

Boa sorte para vocês. Que Deus dê a vocês tudo o que vocês precisam e tudo o que vocês almejam.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
